

Relações entre memória e história ou de quando Clio se sobrepôs a Mnemosine*

*Elison Antonio Paim***

Resumo

Trabalharei na relação dialogal com diferentes autores e percepções de memória. Baseio-me nas matrizes do pensamento sobre memória, defendidas por Walter Benjamin, Maurice Halbwachs, Michel Proust, Pierre Nora, Henri Bergson, e em seus seguidores brasileiros. Procurei captar em seus escritos como esses autores abordam as questões da memória; as maneiras de conceituá-la; sua constituição, separações ou aproximações com a História, relações estabelecidas no ato de lembrar; como se constitui o ato de lembrar; relações das memórias com o passado, o presente e o futuro, e as relações com linguagem. Por fim, apresento a minha opção por uma determinada concepção.

Palavras-chave: percepções; memória; rememoração.

Para os Gregos da época arcaica, a memória era personificada na deusa, *Mnemosine*. No panteão grego, ela é considerada a genitora de nove musas originárias de sua união durante nove noites passadas com Zeus. Dentre suas filhas, encontramos Clio, a musa da História. Dentre outros dons, Mnemosine pode lembrar aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos.

Para Jacques Le Goff ,

Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do além. A memória aparece então como um dom para os iniciados e a *anamnesis*, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas pelo contrário, nutrir-se da fonte da memória, que é uma fonte de imortalidade (1994, p.438).

As relações entre memória e história entre outros povos são bastante controversas; para alguns elas são de interdependência; para outros são de distanciamento e até incomunicáveis.

Mas como se constituíram estas relações? Quais e como são as relações entre o passado, a memória e a produção historiográfica?

Nesse momento, trabalharei com algumas relações entre memória e história a partir do início da modernidade capitalista, quando, então, a História assumiu sua cientificidade e racionalidade, expulsando de seu interior as possibilidades de uso de elementos subjetivos, conseqüentemente, como a memória é pautada nas subjetividades, foi sendo expurgada das trincheiras da História. Efetivou-se, nesse sentido, uma guerra de símbolos em torno das relações entre memória e história.

Desta forma, a memória é referenciada como pertencente às sociedades pré-industriais nas quais a tradição é passada de geração a geração, através dos "homens-memória", aqueles que ocupavam a função de transmitir a memória do grupo (NORA, 1993). A

História, por sua vez, ao se consolidar com a sociedade industrial, foi criando “lugares de memória”, ou uma “memória histórica” (DE DECCA, 1992). Foi ocorrendo o distanciamento entre as duas; inclusive, muitos historiadores consideram a memória como “fonte histórica”. Assim, memória não se confunde com a História. A escrita da História constitui-se muitas vezes no lugar do apagamento da memória (TRONCA, 2001).

A História, em relação ao tempo, é dupla, ou seja, existe um tempo em que se desenvolve a história, e outro no qual os acontecimentos são narrados. Nessa relação entre os dois tempos, a memória representa um papel intermediário, em que, “a narrativa histórica, sobretudo a narrativa histórica escrita, constitui a concretização e mesmo a imobilização da memória do passado. A memória, assim congelada, acaba por se tornar uma das poucas expressões tangíveis do tempo corrido” (TRONCA, 2001, p. 140).

Segundo Brefe (1999), há entre memória e História uma relação de antigüidade e intimidade; porém, apesar das duas trabalharem com o passado, memória e História não se confundem. Nessa relação, a História começa onde a memória social acaba, e esta acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Assim, a memória social é sempre vivida, física ou afetivamente (D'ALÉSSIO, 1993).

Nessa linha de raciocínio caminham as reflexões de Pierre Nora, ao expor uma série de argumentos que colocam memória e História em oposição:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e, do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de

lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e as relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Para Maurice Halbwachs (1993), a oposição está na apresentação da história como memória universal do gênero humano; porém não existe memória universal, e sim memória de um grupo limitado no espaço e no tempo.

Por sua vez, Edgard de Decca (1992) defende que memória e história não são a mesma coisa e que, inclusive, se opõem constantemente. Pois, o tempo da História é o tempo das mudanças, das transformações e da destruição, ao passo que o tempo da memória coletiva é o da permanência e o da continuação. Enquanto a memória procura assegurar o sentimento de identidade, a História desfaz identidades e se constrói como inventário das diferenças. Para o autor:

Erige-se, portanto, no presente alguma coisa híbrida e bastante ameaçadora que é a memória histórica. Nem memória porque alheia à experiência do vivido, nem história, porque destituída de seu valor crítico em relação ao passado. Como produção deliberada, a memória histórica, ao longo de nosso século, foi sempre o instrumento de poder dos vencedores (DE DECCA, 1992, p. 133).

As relações entre memória e história estão constituídas dialeticamente. A memória, “longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa” (SAMUEL, 1997, p. 44). Portanto, não é apenas um negativo da história ou uma fonte, ela tem sua dinâmica própria de construção do passado. Na forma de transmissão, a memória é:

Progressivamente alterada de geração em geração, ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampadas, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história à memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual (SAMUEL, 1997, p. 44).

Por outro lado, memória e história são processos de introspecção. Uma envolve componentes da outra, e suas fronteiras são tênues, porém diferenciadas: “a memória é inevitável e indubitável *prima-facie*; a história é contingente e empiricamente verificável. Ao contrário de memória e história, fragmentos não são processos, mas resíduos de processos” (LOWENTHAL, 1998, p. 66).

Como vimos, as divergências, quanto às relações entre memória e história, são inúmeras. Seixas, no entanto, consegue sintetizar estas relações, ao afirmar que:

Memória = história; memória versus história; memória e história: descaracterizada ou só reconhecida parcialmente naquilo que mais a aproxima dos procedimentos voluntários, sistêmicos e intelectuais da história -, abocanhada pela voracidade historiográfica, a memória, no entanto parece perseverar, de forma clandestina e poderosa à maneira que lhe é própria, em sua relação sempre atual com a história (SEIXAS, 2001, p. 44).

A autora defende que diferentes ciências vêm dialogando com a memória e assim: “Pensar, portanto, as relações entre memória e história são colocar-se no interior desses diálogos, postura a qual a

história, ingênua e arrogantemente, tem-se furtado, ao reconhecer na memória apenas aquilo que reflete sua própria imagem e semelhança” (SEIXAS, 2001, p. 52).

Após esta caminhada nas pegadas daqueles que já produziram e expressaram suas percepções sobre memória, faz-se necessário explicitar aquilo que percebo ser um caminho - não o único - no entendimento da questão. Nesse sentido, optei em seguir as trilhas do filósofo alemão Walter Benjamin, ao trabalhar com memória como rememoração.

Ao rememorar, reconstruímos, buscamos nossas impressões mais remotas - matinais, diria Benjamin - sobre o vivido por nós ou por aqueles que nos antecederam. Este processo é sempre acionado por dimensões conscientes e inconscientes despertadas no presente de quem rememora.

Ao dialogar com as rememorações dos sujeitos com os quais eu trabalho numa pesquisa, busco suas reconstruções do passado. Reconstruções estas desencadeadas pela situação presente - as perguntas que formulei. Portanto, estas rememorações são eivadas simultaneamente por uma dimensão voluntária e outra involuntária, explícita quando ao rememorar esses sujeitos extrapolam o solicitado nas perguntas.

Benjamin preocupa-se também com a forma como ocorrem as narrativas, porque o papel de narrador como elemento unificador das comunidades perdeu-se e ao mesmo tempo propõe que os historiadores pensem que, “a narrativa não deve ser mais aquela do fluxo que justapõe eventos, mas aquela que produz interrupções, recortes no transcurso da história, de modo que o passado irrompe de um só golpe sobre o presente, originando uma situação de exceção” (CARDOSO JR, 1996, p. 55). A fonte das narrativas deve ser “a experiência que passa de pessoa a pessoa, a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, P. 198).

O narrador faz uma história aberta, ele sabe que a complexidade do social é inesgotável. Não é uma narração definitiva, ela é

compartilhada, afirma Benjamin. Por isso, propõe narrar, sem distinguir entre grandes e pequenos acontecimentos. Quando fazemos a distinção ou hierarquização dos acontecimentos, estamos deixando de lado outros sujeitos que foram derrotados; cada momento é algo importante para algum sujeito.

O autor ainda aponta que, desde o final do século XIX, o narrador começou a desaparecer e com ele a história compartilhada, pois os novos narradores: o historiador 'neutro', o romancista ou o jornalista passaram a narrar sem considerar os significados do narrado, como experiências vividas.

Entre as muitas preocupações de Benjamin, em relação à história e sua produção, está o tempo que, como afirma Löwy:

Contra essa visão linear e quantitativa, Benjamin opõe uma percepção *qualitativa* da temporalidade, fundada, de um lado, na *rememoração*, e de outro na *ruptura messiânica / revolucionária da continuidade*. A revolução é o 'correspondente' (no sentido baudelairiano da palavra) profano da interrupção messiânica da história, da parada messiânica do devir. (...) A interrupção revolucionária é, portanto, a resposta de Benjamin às ameaças que faz pesar sobre a espécie humana a perseguição da tempestade maléfica chamada 'progresso', uma tempestade que acumula ruínas e prepara catástrofes novas (LÖWY, 2002, p. 205).

Benjamin pensa uma concepção de história que dê conta do tempo presente. Um tempo saturado de agoras, rompendo com o tempo vazio e homogêneo. O historiador constrói experiências com o passado a partir do seu agora. A história é construída em cima das experiências do presente e do passado. História não é só o desenrolar da análise no tempo, é uma reflexão sobre o tempo da história narrada, analisada. Considera a existência de tensões entre presente e passado.

O passado se dá a ver em relampejares, de maneira fugaz, se ninguém o capta, ele se perde. Quando o passado perpassa veloz, se não for captado, acaba ameaçando o futuro que continuará morto

e o presente continuará cometendo os mesmos erros. Há uma dialética entre o presente e o passado, de acordo com nossa sensibilidade, que é social conflitiva e tensa.

É também uma de suas perspectivas contrapor um tempo vazio e homogêneo - o linear - ao tempo saturado de 'agoras', projetos alternativos; a história volta-se para o passado para respaldar as lutas do presente. O agora, que é um confronto, possibilita fazer compreender o sentido da história, sem precisar estudar a história universal. O tempo do agora contém todas as questões referentes ao todo, sem precisar trabalhar o início, para depois chegar ao fato. Enquanto se fica adivinhando o futuro, não se olha e entende o presente, não há transformação.

Nesse contexto fantástico de mudanças, propostas na relação do historiador com a história, não se pode deixar de apontar, ainda, a relação da memória com a história. Benjamim abre uma tentativa de trabalhar com as memórias de forma não hierarquizada, racionalizada tecnicamente.

Memórias para ele são plenas de conhecimentos e sensibilidades, relacionam-se com o vivido. Memória é também esquecimento, apaziguamento com o passado. A (re) memória é sempre relacionada com o presente, é um entrecruzamento de tempos, espaços, vozes; não é uma autobiografia no sentido clássico. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro. Memória é vida, possibilidade da experiência vivida. Na rememoração, amplia-se a possibilidade de vida.

Quando dialoga com Baudelaire, explicita como a modernidade apaga as memórias, como a relação entre antiguidade e modernidade é calcada na ruína. Para fugir dessas ruínas, propõe que descubramos o sentido da vida através da rememoração, pois os mortos, os esquecidos, os que foram apagados da história são redimidos, quando alguém os traz à tona.

Pensar as memórias por um viés benjaminiano implica ruptura com o que está instalado e vem sendo praticado ao longo da história. O pensamento de Benjamin apresenta-se numa perspectiva de

negar essa estrutura; propõe que se pense a história a partir das ruínas e não de forma determinista; assim, o trabalho com memórias passa a ser pensado como um imenso campo de possibilidades.

Ao pensarmos a produção de conhecimentos históricos através de algumas de suas categorias - experiência vivida, memória, história aberta, escovar a história a contrapelo, tempo saturado de agoras - verificamos ser possível pensar outras formas de produção historiográfica.

Benjamim dá ferramentas para perceber que a produção historiográfica é um campo de lutas, em que diferentes concepções estão disputando espaços. Por outro lado, perceber as lutas nos traz esperança de mudança e fornece instrumentos para a luta. Conhecendo as lutas do passado, entende-se o presente, mas através de uma inversão de tempos, em que o ponto de partida são os agorados problemas - buscando dialogar com o passado. Então, conhecendo as lutas, as experiências do passado, instrumentaliza-se, passa-se a ter esperança na mudança, na utopia como algo que está se fazendo e não que virá de qualquer forma.

Para nós - pesquisadores acadêmicos - são importantes as memórias e experiências vividas para desenvolvermos nossos projetos, pensarmos a relação deles com sujeitos que são únicos, com suas memórias, suas histórias, suas experiências diferenciadas, próprias a cada um e, ao mesmo tempo, coletivas.

Nas pesquisas, pode-se pôr em prática outra contribuição importante de Benjamim, a perspectiva de narração. A realização de pesquisas, a partir das narrações de memórias, para que os sujeitos, ao narrarem, recobrem suas experiências, que não queiram mais apagá-las em busca do sempre novo. Trabalhar com narrativas de memórias numa perspectiva de diálogo, possibilita que os narradores percebam que muitas das respostas que buscam estão presentes em suas experiências vividas e nas memórias. Portanto, memórias e experiências vividas não podem ser jogadas fora como até então vem acontecendo em grande parte dos cursos de formação de historiadores, pois:

A tarefa interminável da humanidade é a de restaurar o sentido da narrativa, em que a linguagem não mais se esgote nos clichês de uma língua morta. Essa tarefa implica encontrar a história verdadeira – a partir das experiências fragmentadas e da memória fragmentada -, recuperando a capacidade do homem em tornar suas experiências comunicáveis em narrativas, como textos que se abrem à experiência nas suas metamorfoses em que se tecem novas histórias (KRAMER, 2002, p. 70).

Além de todas as questões levantadas por Kramer, ao trabalhar com memórias, Benjamin nos instiga a pensarmos como as memórias podem contribuir para o fazer-se dos sujeitos. Em que medida as memórias de formação escolar, de suas experiências vividas, de sua construção como cidadãos, como profissionais, podem contribuir para que a academia passe a conhecer e respeitar os sujeitos comuns? Em que medida tais memórias e o ato de rememorar podem contribuir para o fortalecimento dos próprios narradores?

Notas

*Texto apresentado na Mesa Redonda “**Múltiplos Olhares Para as Memórias**”.

**Coordenador do CEOM. Doutor em Educação pela UNICAMP, Mestre em História pela PUC-SP.

Referências

ARRUDA, José Jobson. O Sonho de História Que se Tem no Presente. In: DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002.

BARLOW, Michel. **El Pensamiento de Bergson**. México: Fondo de Cultura Económica, Traducción al español: María Martínez Peñalosa, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas vol. 1).

_____ **Rua de Mão única**. 5ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1995.
(obras escolhidas vol. 2).

_____ **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**.
3ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.185-236. (obras escolhidas,
vol. 3).

_____ **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa:
Antropos, 1992.

_____ **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro:
Tempo Brasileiro, 1995.

BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter (Orgs.). **A Filosofia de Walter Benjamin**: destruição e Experiência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo
com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo:
Companhia das Letras, 3ª ed, 1994.

_____ **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São
Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.

_____ **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

_____ O Campo de Terezin. In: **Estudos Avançados – Dossiê
Memória**, v.13, n.37, pp.7-32, setembro / dezembro 1999.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. Esquecer Para Lembrar e Ser. In:
MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História**:
possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004, pp.573-
600.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o Historiador da
Memória (entrevista). In: **História Social**. Campinas: IFCH-
UNICAMP, 1999, pp.13-33.

BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória (res) sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar**: Walter Benjamin e o projeto das passagens. Chapecó: ARGOS / Editora da UFMG, 2002.

CARDOSO JR, H. R. Tempo e Narrativa Histórica nas “Teses” de Walter Benjamin. In: MALERBA, J. (Org.) **A Velha História**: Teoria, Método e Historiografia. Campinas-SP: Papirus, 1996, pp.51-60.

CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico. In: **Direito à Memória**: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992, pp.37-46.

CITRON, SUZANE. **Ensinar a História Hoje**: a memória perdida e reencontrada. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

CYTRYNOWICZ, Roney. Silêncio do Sobrevivente: Diálogos e Rupturas Entre Memória e História do Holocausto. In: SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003, pp.125-140.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansur. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero v.13, Nº 25/26, 1993, pp. 97-103.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e Cidadania In: **Direito à Memória**: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992, pp. 129-136.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). **Mímesis e Expressão**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2001.

ESTUDOS AVANÇADOS – **Dossiê Memória**, São Paulo, v.13, n.37, setembro / dezembro 1999.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da Memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória (res) Sentimento**. Campinas: ed. da UNICAMP, 2001, pp. 85- 93.

_____ **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed, 1999.

_____ Verdade e Memória do Passado. In: **Trabalhos da Memória**. Projeto História - Nº 17. São Paulo: EDUC, 1998, pp.213-221.

_____ PREFÁCIO: Walter Benjamin ou a História Aberta. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994, pp.7-19, (obras escolhidas vol. 1).

_____ **Walter Benjamin**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____ Teologia e Messianismo no pensamento de Walter Benjamin. In: **Estudos Avançados – Dossiê Memória**, v.13, n.37, pp.191-206, setembro / dezembro 1999.

_____ “Após Auschwitz”. In: SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003, pp.91-112.

_____ Mimesis e Crítica da Representação em Walter Benjamin. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). **Mimesis e Expressão**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, pp.353-363.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, Histórias e (Re) Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004, pp.287-330.

_____. Percepções Culturais do Mundo da Escola: em busca da rememoração. In: CERRI, Luis Fernando & MARTINS, Maria do Carmo (Orgs.). **Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**. Campinas: Gráfica da FE/UNICAMP, 1999, pp. 99 – 109.

HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

KOTHE, F. R. Poesia e proletariado: ruínas e rumos da história. In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1991, pp.7-27.

KRAMER, S. **Por Entre as Pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 3ª ed, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. 3ª ed., Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. In: **Trabalhos da Memória**. Projeto História - Nº 17. São Paulo: EDUC, 1998, pp.63-201.

LÖWY, Michael. A Filosofia da História de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, São Paulo: EDUSP, nº 45, pp. 199-206, maio/agosto 2002.

_____. **Walter Benjamin: aviso de incêndio** – uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Olgária. Memória e História em Walter Benjamin. In: **Direito à Memória**: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: DPH, 1992, pp. 151-156.

MISSAC, Pierre. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História - Nº 10**. São Paulo: EDUC, 1993, pp. 7-28.

PERROT, Michele. A Força da Memória e da Pesquisa Histórica. Entrevista e Tradução: Denise Bernuzzi de Sant’Anna. In: **Trabalhos da Memória**. Projeto História - Nº 17. São Paulo: EDUC, 1998, pp.351-360.

PINTO, Julio Pimentel. Os Muitos Tempos da Memória. In: **Trabalhos da Memória**. Projeto História - Nº 17. São Paulo: EDUC, 1998, pp.203-211.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, vol. 2, nº 3, 1989, pp.3-15.

PRESSLER, Gunter Karl. O Sonho Toma Parte da História Sobre a Recepção de Walter Benjamim no Brasil (1960 até hoje). In: **Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas**. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva. Nº 9, pp.94-103, outubro 1997.

PROJETO HISTÓRIA. **Trabalhos da Memória**. São Paulo: EDUC. Nº 17, 1998.

PROUST, Marcel. **No Caminho de Swann**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

REVISTA USP. **Dossiê Walter Benjamin**. São Paulo: Edusp, nº 15, 1992.

ROZENCHAN, Nancy. As Crianças de Alterman. In: SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003, pp.191-209.

SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória. In: **Projeto História - Nº 14**. São Paulo: EDUC, 1997, pp.41-81.

_____. História Local e História Oral. IN: SILVA, Marcos Antonio e ANTONACCI, Maria Antonieta (orgs.). **História em quadro negro: Escola, ensino e aprendizagem**. Revista Brasileira de História Nº19. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, 1990.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & Naxara, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)Sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

_____. Os Tempos da Memória: (des) continuidade e projeção. In: **Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº 24, 2002, pp.43-63.

SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

_____. Testemunho: Entre a Ficção e o Real. In: SILVA, Márcio Seligmann (Org.). **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003, pp.375-390.

_____. A Catástrofe do Cotidiano, a Apocalíptica e a Redentora: sobre Walter Benjamin e a escritura da memória. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). **Mímesis e Expressão**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001 DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia (Orgs.). **Mímesis e Expressão**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

TRONCA, Ítalo. Foucault, a Doença e a Linguagem Delirante da Memória. pp.129-148 In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória (res) sentimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

Abstract

The work studies the dialogic relationship between different authors and memory. The concept of memory adopted here is defended by Walter Benjamin, Maurice Halbwachs, Michel Proust, Pierre Nora, Henri Bergson and their Brazilian followers. Perceptions here try to deal with the concept and its constitution, separation or approximation to History, relationships established in the way art constitutes itself, memories' relationships with the past, the present and the future, relationships with languages. At last the work chooses a conception.

Keywords: perceptions; memory; remembering.